

TRABALHO INFANTIL E REVOLUÇÃO INDUSTRIAL INGLESA: RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM O FILME “OLIVER TWIST”

Jéssica Rayla da Costa Figueiredo ¹
Senyra Martins Cavalcanti ²

1. Introdução

O artigo apresenta uma das experiências didático-pedagógicas desenvolvidas no projeto de Extensão “Cinema e Educação Histórica no Ensino Fundamental” (PROEX-UEPB), sob coordenação da professora Senyra Martins Cavalcanti (DE/UEPB), na Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Rosário localizada no Bairro da Prata, em Campina Grande-PB. A experiência pedagógica abordou o tema do trabalho infantil durante a Revolução Industrial Inglesa a partir do filme “Oliver Twist” (Dir. Roman Polanski, 2005) e teve como objetivo geral: Identificar e problematizar o trabalho infantil na Revolução Industrial Inglesa, articulando-o ao debate de sua existência na atualidade e na realidade dos alunos. A experiência aqui relatada dispõe de relevância social e tem por objetivo informar, orientar e prevenir a comunidade estudantil sobre a problemática da exploração do trabalho infantil, que pode refletir na vida de cada um deles ou nos ambientes em que vivem e atuam.

Segundo Ferro (1992), além de entretenimento, os filmes podem servir para outros fins, na medida em que as suas imagens viabilizam a argumentação de diversos temas, pois todo filme apresenta representações de realidades distintas. Nessa linha de pensamento, o filme não é material neutro, servindo para representar, prevenir, destacar realidades isoladas e que são de fato esquecidas, segundo o autor (1992, p. 33): “analisar no filme tanto a narrativa quanto o cenário, a escritura, as relações do filme com aquilo que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime do governo. Só assim se pode chegar à compreensão não apenas da obra, mas também da realidade que ela representa”.

O cinema, para Ferro (1992), permite observar a realidade não perceptível, não se deter, apenas nas imagens, mas analisar o contexto, a época que o filme retrata e a mensagem que o filme veicula para o público. Por tudo isso, o filme é um grande aliado da educação histórica. Morettin (2011), a partir de Ferro (1992, p. 40), afirma que: “Para Ferro, o cinema é um testemunho singular de seu tempo, pois está fora do controle de qualquer instância de produção principalmente o Estado. Mesmo a censura não consegue dominá-lo”.

Morettin (2011, p. 47), comentando a abordagem de Ferro (1992) sobre o cinema como fonte da história, discorre:

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), monitora no projeto de extensão “Cinema e Educação Histórica no Ensino Fundamental” (Cota Proex 2017-2018), jessicaraylaarruda@gmail.com

² Orientadora, professora do Departamento de Educação (UEPB), coordenadora de Projetos de Extensão e Projetos PIBIC, Mestra em Sociologia (UEPB) e doutoranda em História (Universidade de Coimbra), senyra.cavalcanti@gmail.com.

O autor afirma que o cinema sempre foi desprezado pelos historiadores e pela sociedade. Esse desprezo pelo cinema reflete um distanciamento do historiador diante de informações de outra natureza, como risos, gestos e gritos, sempre considerados “produtos de um discurso tido como fútil e subalterno, [que] escapavam do olhar do historiador, por razões tanto sociológicas e ideológicas como técnicas”.

A educação histórica em tempos e espaços escolares não pode se prender a trabalhar com conteúdos e métodos que estejam isentos de manipulação ideológica. Para que se tenha práticas com bases estruturadas, e que os conteúdos sejam compartilhados para os alunos de maneira adequada, deve-se investir nas problematizações e discussões. Deve-se também evitar práticas que sirvam para “mascarar” ou deturpar os eventos históricos com ideologias adversas às dos alunos, bem como com estratégias de imposição. Os filmes históricos devem ser exibidos aos jovens, mas distante da ação de omissão dos fatos, problematizando os eventos históricos e ressaltando que estes refletem as concepções de seus realizadores (roteiristas, diretores e produtores). Sendo assim, é imprescindível para a educação como um todo, e para o ensino de história em particular, focalize o cinema como um meio de comunicação que pode ter sentidos e significados em disputa.

2. Metodologia

O presente relato de experiência didático-pedagógica foi desenvolvido na escola E. E. F. M. Nossa Senhora do Rosário (Campina Grande-PB), nas turmas “D”, “E” e “F” do 8º ano, no período de março a abril de 2018, seguindo a linha de abordagem dos filmes históricos, como proposta por Ferro (1992).

Para o trabalho didático com a temática do trabalho infantil na Revolução Industrial Inglesa, foi escolhido o filme “Oliver Twist”, dirigido por Roman Polanski (2005) e baseado em romance homônimo lançado em 1837, por Charles Dickens. O objetivo geral foi trabalhar com as turmas a realidade das crianças órfãs na Inglaterra Vitoriana durante a Revolução Industrial. Para tanto, utilizamos como fundamentação teórica Enguita (1989) e sua discussão sobre as condições de trabalho e dos trabalhadores na Revolução Industrial.

Inicialmente, como parte do projeto de extensão, foi necessário conhecer a escola, seus espaços, suas turmas, os profissionais e seu ritmo de trabalho. Em seguida, apresentamos o projeto desta experiência pedagógica para a coordenação do projeto de extensão, nossos objetivos e os temas que iríamos destacar na experiência pedagógica. Feito isso, buscamos criar vínculos de aproximação com os alunos, conhecê-los, conhecer o comportamento dos alunos para, em um segundo momento, iniciar efetivamente a experiência pedagógica.

Com a orientação da coordenadora do projeto de extensão, editamos o filme para selecionar as cenas mais relevantes para a temática e acompanhar o tempo de duração das aulas, planejamos as aulas e as atividades a serem aplicadas, elaboramos os tópicos de sensibilização, a fim de direcionar o olhar dos discentes para as questões mais relevantes. Essa última orientação foi bastante importante, quando observamos que os alunos observaram atentamente o filme exibido e ao longo da discussão foram fazendo as suas próprias observações.

Após a reprodução do filme, iniciamos a discussão, em que cada um expôs as suas observações e relacionou-as com a fundamentação teórica, demonstrando estarem impactados

com o contexto social da época retratada e os tipos de exploração que as crianças órfãs eram alvo.

Ao final dos debates sobre o conteúdo, distribuimos atividades de verificação da aprendizagem, a fim de obter um retorno sobre a compreensão dos alunos. Obtivemos resultados objetivos, curtos e com notável semelhança, obtivemos também, em menor quantidade, respostas mais elaboradas e com opiniões sobre o tema estudado.

3. Discussões e Resultados

Não podemos deixar de destacar uma instituição importante nos séculos XVIII e XIX: o orfanato³. O filme “Oliver Twist” (dir. Roman Polanski, 2005) conta a história dos órfãos que viviam no contexto da Revolução Industrial e que passavam por diversas casas e orfanatos. Nesse contexto, o papel da escola era o de “acalmar as crianças” e deixá-las mais obedientes e ajustadas, futuros trabalhadores manuais e alienados que se integrariam ao grande exército de trabalhadores anônimos nas fábricas. As crianças abandonadas passavam fome, não tinham forças para pensar e/ou questionar os maus tratos que sofriam; não obstante, as que comiam se revoltavam contra as ordens dos cuidadores e professores.

O ambiente do orfanato apresenta o tratamento dispensado às crianças, mais assemelhando a um quartel e que métodos pedagógicos progressistas - conhecidos naquele momento histórico - não eram integrados ao ensino escolar ou ao cuidado com as crianças.

Como exemplo da questão referida no final do parágrafo anterior, alguns alunos questionaram: “Porque ele come apenas uma vez por dia?” “O menino passa o dia trabalhando e não vai para escola?!” A partir destes questionamentos, os alunos começaram a entender o que de fato foi o trabalho infantil no período e que pouco se articulava com “a ajuda” que ofereciam as suas mães e aos familiares em seus lares.

O tema da exploração do trabalho infantil possui séculos de registro histórico e está presente também na atualidade. Mesmo com a modernidade, a urbanização e a crescente industrialização, ainda presenciamos casos de exploração do trabalho infantil na contemporaneidade. Assim, ao analisar o filme “Oliver Twist”, os alunos das 3 turmas do 8º. ano, mostraram indignação e desconhecimento que tais fatos aconteciam no passado e que as formas de exploração infantil que vivenciam, mesmo que de longe, acaba se tornando “natural” e “comum” em uma cidade do porte de Campina Grande-PB.

De acordo com o G1, dados sobre segurança preocupam especialista do Brasília-DF. De dez (10) crimes cometidos, três (3) são com participação de crianças e adolescentes que estariam “entrando na marginalidade cada vez mais cedo”. A partir de dados do Conselho Nacional de Justiça, um número considerável de adolescentes (47,5%), cometem o primeiro crime entre os quinze (15) e dos dezessete (17) anos. Dados ainda mais preocupantes mostram que (9%) começam ainda na infância, entre os sete (7) e os onze (11) anos de idade, entre os motivos para o aumento dos dados é a sensação de impunidade e a ineficácia das medidas sócio educativas cumpridas em fundações de reabilitação.

³ O orfanato fazia o papel de escola e de creche, “para as crianças instituíram-se os mesmos meios ou outros *ad hoc*, os orfanatos”. (ENGUITA, 1989, p. 108).

Todos os alunos afirmavam que o trabalho infantil estava presente em nossas vidas e, conseqüentemente, os roubos também, e que estes são “a forma mais fácil de sobreviver”. Mas, mesmo assim, os alunos afirmaram que “trabalhar é a melhor forma”. Muitos acharam que “deve-se trabalhar para sobreviver” e “se a criança ou o adolescente estivessem de acordo em fazer tal trabalho não seria exploração”. Neste momento, buscamos levar aos alunos fundamentações do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990). De acordo com o art. 60º: “É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz”. (BRASIL, 1990). Portanto, mesmo que a criança ou adolescente concorde com as condições de trabalho está previsto por lei que é crime trabalhar. A lei prevê pena para pais, responsáveis e o promotor da exploração contra a criança ou o adolescente.

“Até onde o trabalho infantil se confunde com o auxílio?”, perguntamos. Esse pode ser um dos fatores pelos quais a exploração infantil parece “não ter fim”. Os alunos, inicialmente, não sabiam distinguir entre **exploração** e **cooperação familiar**, quando comentavam que “faziam muito trabalho em casa”. Essa temática gerou outros debates e confrontos de pensamento, necessitando, mais uma vez, de mediação. Buscamos nos somar ao debate dizendo: “Se cada um tem uma casa, refeições nos horários corretos, matriculados e frequentando regularmente uma escola, não são privados das vivências do processo de crescimento, portanto, não podem se enquadrar em exploração infantil”.

Através dos resultados desta experiência pedagógica, percebemos que o cinema possui valor significativo e auxilia na construção de saberes e pode ser utilizado como instrumento pedagógico, facilitando e tornando o aprendizado mais significativo. Em nossa análise, os métodos empregados levaram os alunos a pensar criticamente, a enfatizar a problemática sem um olhar generalista, conhecendo o problema com a ferramenta pedagógica filmes históricos.

A análise do filme causou grande comoção entre os alunos. Os momentos do filme em que os alunos mais se manifestaram foram as cenas que veiculavam: 1) a má alimentação que os órfãos tinham, enquanto os administradores dos orfanatos tinham a mesa farta; 2) o momento em que Oliver foge do orfanato para a Cidade de Londres, encontrando grandes dificuldades em sua caminhada; 3) os maus tratos e a violência física foram bastante comentados e os alunos não entendiam o porquê de uma criança ter que passar por todo aquele sofrimento, distanciado de uma ação vital, como se alimentar, ser bem tratado e brincar.

Ficou perceptível nas discussões que, apesar de ser uma problemática que está presente em várias cidades e em diferentes contextos, a grande parte dos alunos não tinham conhecimentos prévios sobre dados e leis à respeito da exploração do trabalho infantil. Mostraram-se bastante surpresos e indignados com tudo que viram no filme. Em face a esta reação, percebemos que os discentes não acreditavam que a infância abandonada e explorada possa existir desde tempos longevos, que crianças com faixa de idade assemelhada a sua passaram por situações de fome, violência, exploração e abuso.

Após as discussões sobre o tema, aplicamos uma atividade com 3 questões nas 3 turmas do 8º ano. Na 1ª questão foi perguntado: “Percebemos no filme um tema histórico, que atravessa décadas e se fixa nas gerações, comente suas experiências com algum caso de exploração infantil”. As respostas foram distribuídas entre os seguintes grupos de opiniões:

“Sim”, “já tiveram experiência em ver casos de exploração infantil” e citaram que nos sinais de tráfico “já viram crianças vendendo balas, água, frutas e limpando para-brisas dos carros”; Outros falaram que, em seus bairros, adolescentes trabalham em casas de famílias, fazendo faxinas, ou que viram na TV crianças trabalhando nos lixões das grandes cidades; Outros responderam que nunca presenciaram esse tipo de exploração, mas que tem convicção que esse tipo de prática é crime.

Na questão 2, perguntamos: “Sobre os modelos educacionais da revolução industrial e suas formas de disciplina nos orfanatos, comente as suas observações”. Obtivemos diversas respostas, em que alguns responderam que as formas de disciplina eram “duras” e que as crianças eram “obrigadas a trabalhar”. Encontramos, na maioria das respostas, que “a má alimentação estava presente na vida dos órfãos” e que, sem dúvida, “a comida oferecida era pouca para saciar a fome das crianças”. Outra linha de resposta foi a forma de disciplina presente nos orfanatos, quando mencionaram que “as crianças não tinham direito algum, apenas o trabalho”, demonstrando a percepção de que, no contexto da revolução industrial, as crianças órfãs viviam à margem da sociedade. Dissertaram também sobre as humilhações sofridas pelos órfãos e a violência que era a “forma mais prática e eficaz para disciplinar”. Comentaram sobre não ter visto cenas dos órfãos na escola e puderam perceber que a educação era rígida e dentro dos próprios orfanatos, podendo perceber ainda que seria apenas “uma introdução ao ensino”, com a intencionalidade de “domesticar” e “acalmar”, fracamente para ensinar e instruir.

Na última questão, a de número 3, os alunos mostram indignação com algumas cenas que viram no filme, articulando-as com o que as “crianças que trabalham nas ruas estão à mercê”. A questão indagou: “Os grandes centros urbanos são, sem dúvida, muito perigosos para o trabalho infantil, oferecendo riscos, de acidentes e de contrair doenças. Comente sobre a presença desses fatos no filme”. Os alunos citaram que Oliver andou muitos quilômetros a pé, que ficou muito tempo na chuva, passou fome e que poderia ter ficado desnutrido e assim contrair anemia. As chances de Oliver também contrair outras doenças, tais como pneumonia e doenças transmitidas por animais foi considerada bastante grande pelos alunos. Para os alunos, o momento de maior frustração foi ver os pés machucados de Oliver, demonstrando grande empatia pelos sofrimentos do personagem. Os alunos também comentaram sobre a decepção do personagem quando chega na Cidade de Londres, exemplificada pela sujeira nas ruas (considerada uma característica de grandes centros urbanos da época), com dejetos lançados diretamente nas ruas, presença de animais e insetos mortos, lixo, dentre outros. Neste momento, os alunos comentaram que essas condições sanitárias podem ser agentes facilitadores para as pessoas contraírem doenças.

O conjunto das respostas, nos leva a refletir que estas foram as formas que os alunos encontraram de associar as cenas do filme com a vida cotidiana, demonstrar empatia e entender a temática apresentada. A prática demonstrada no filme “Oliver Twist” (dir. Roman Polanski, 2005) retrata o final do século XVIII e início do século XIX, mas ainda pode ser reconhecida na atualidade, tanto nas zonas urbanas quanto nas rurais. Com a implementação da experiência didática, tornou-se visível que a problemática do trabalho infantil é histórica e que está presente desde séculos.

4. Considerações finais

Os alunos não tinham assistido previamente ao filme “Oliver Twist” (dir. Roman Polanski, 2005) ou visto algum outro filme ou discussão sobre exploração infantil no contexto escolar e, após o término da experiência pedagógica, avaliamos, a partir das atividades e discussão do conteúdo do filme, que a compreensão dos alunos avançou bastante ao sair de uma naturalização para questionamentos. Podemos creditar esse avanço ao fato de que na sala de aula, buscamos animar o olhar crítico nos alunos, bem como a observação das cenas e dos planos, problematizando os temas apresentados, tornando possível a troca de conhecimentos mediada pela imagem, oportunizando uma troca de saberes entre o alunado e a monitora de extensão que conduziu a ação.

A temática do filme escolhido, instigou debates e foi acolhida pelos alunos que demonstraram inquietação diante das informações históricas apresentadas, contribuindo para uma melhor compreensão, confirmando a contribuição do cinema como instrumento pedagógico, em união com outros materiais tecnológicos.

Para nós, ficou evidente que o filme facilitou o processo de aprendizagem dos alunos sobre a exploração infantil no contexto da revolução industrial. Ao concluir este projeto, percebemos que o cinema é uma fonte histórica e didática, com contribuições a serem agregadas à educação escolar, facilitando o processo de ensino e aprendizagem, podendo estudar diversos temas, e ainda facilitar a aprendizagem e a discussão de assuntos socialmente relevantes, se buscarmos inserir os filmes históricos como protagonistas das aulas de história.

Podemos concluir ainda que o projeto de extensão apresentou aos alunos novas formas de aprendizagem e temas desconhecidos, ampliando a sua visão de mundo a partir de novos conhecimentos e contribuindo para a formação de cidadãos conscientes dos problemas sociais. O cinema e o ensino da história podem obter resultados gratificantes como este, se observamos que por meio das novas ferramentas de ensino e de atividades pedagógicas atrativas para os alunos, podemos desenvolver trabalhos de diferentes áreas, concretizando estudos e contribuindo para o crescimento de crianças e adolescentes.

5. Referências

ENGUIITA, Mariano Fernández. **A face oculta da escola**: Educação, trabalho e capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: **Cinema e historia**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1992 p. 25-47.

MORETIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In CAPELATO, Maria Helena et al. **História e cinema**: dimensões históricas do audiovisual. 2ª ed. São Paulo: Alameda, 2011. p. 39-64.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990.

TV globo (G1) Disponível in: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2014/03/menores-sao-responsaveis-por-30-dos-crimes-na-capital-federal.html>

Acesso: 30 abril 2018.